

ÂMAGO DA MEIA-NOITE



Fabricao Costa Rosa

8 - UMBUMZEIRO

Ele olha seu reflexo na água e percebe que estava sem seu manto de couro de jacaré, vestindo apenas uma camisa simples com calças, parecendo um garoto comum da cidade. Isso o irritava, fazia-o lembrar quando vagava em sua antiga vila, com uma aparência simples e feição impassível. Todos o viam como um garoto tranquilo qualquer, ninguém percebia que a ausência da agitação comum à idade significava algo terrível.

O palafrem das madames bebeu água próximo a ele e bagunçou sua imagem refletida nas águas lentas do rio. Palafrem das madames era o nome que os soldados da escolta deram ao animal. O motivo era óbvio, a montaria não corria rápido, era manhoso e parecia não gostar de ser montado por homens, apesar de não levar em consideração Daniel.

O fato foi constatado quando os guardas tentaram acelerar o passo, mas o garoto não os acompanhava. Deduziram que ele não sabia cavalgar, o que era comum entre os plebeus que viviam fora do castelo. Então colocaram Daniel montado junto com um deles e outro guiava o cavalo, só que não deu certo. Passaram a achar que o animal era temperamental e o mais experiente deles montou-o, mas mesmo assim ele se recusava a ir mais rápido.

Cada um dos homens tentaram o cavalo e o que melhor montava ele era o próprio Daniel. Isso fez com que o garoto virasse motivo de troça. Paládio, o soldado mais antigo deles, lembrou que as ordens do Duque eram para trazer um cavalo tranquilo, para alguém inexperiente em cavalgar e o garoto da estrebaria entregou justamente um cavalo para passeio de madames.

Ao terminar de beber a água, o palafrem expõe seu gigantesco pescoço mordiscando o sapato de Daniel. O garoto sabia, ele queria carinho, logo estende a mão e passa com força pela crina. O cavalo ergue sua cara achatada mordendo o freio em sua boca, incomodado. O aprendiz foi remover o aparelho.

- Ei madame, não tira a embocadura do cavalo.

Jin disse, caçoando. Era um dos guardas mais antigos, com mais de um ano de experiência. Daniel se perguntava quando as coisas fugiram de controle ao ponto desses soldados ficarem tão íntimos. Talvez tenha sido culpa dele, que assim que saíram da cidade ficou o tempo todo contando os fatos que o rodeavam. Falou tudo, desde de sua chegada no castelo até a morte da criada. Por estar nervoso com a situação anterior, o garoto deixou escapar comentários rápidos sobre a beleza da princesa Kalifa que, mais tarde ele descobriu, não passaram despercebidos.

- Se uma emboscada fosse acontecer, agora seria o momento – Paladio, o mais antigo de todos eles e o comandante, comentava observando ao redor.

Eles estavam na beira do rio, colocando seus cavalos para beber água, ali era próximo à floresta, que ficava logo que se atravessava o rio, no oeste. Ao leste, toda a paisagem era de uma planície repleta de plantações. Casarões se erguiam ao longe, parecendo minúsculos, distante uns dos outros. No sul, era possível ver a cidade e, em destaque, o castelo.

- Você está matando tempo aqui de propósito? – O novato Doug perguntou. Era primo de Paladio junto com outro soldado novato que estava ali, chamado Treves. Os dois eram primos, mas eram tão parecidos que se passariam facilmente por irmãos.

- Você está sendo muito óbvio – Yan disse. Era outro soldado, com um ano de experiência, da mesma época que Jin. – Se eu fosse um grupo de assassinos na espreita ficaria com medo.

- Uma criada morreu, o garoto se impressionou – Treves dizia – E daí? Não significa que alguém queira matá-lo.

- A história dele faz sentido. Eu tenho que ter certeza de que não estão nos seguindo – Paladio diz. Na visão de Daniel, ele parecia ser o único que transmitia alguma segurança.

A diferença de idade deles era pouca, o mais provável era que Paladio fosse uns cinco anos mais velho que os outros. Treves, Doug e o silencioso Kaiou pareciam estar no fim da adolescência e Jin e Yan um pouco mais velhos do que isso.

- Eu não tive um desjejum decente, vamos cuidar disso e dar o fora, o quanto antes – Treves fala massageando a barriga.

- Vocês parecem muito com um grupo de criadores de porco que saem juntos para tomar uma cerveja no fim do dia. – Daniel diz maldoso, tentando descontar um pouco a zombaria de outrora.

- Meu pai era criador de porcos, qual o problema? – Doug diz sínico.

- Não fale em porcos, estou com fome – Treves diz tristonho.

- O garoto está longe do castelo, fora de perigo – Yan comenta – Vamos continuar o caminho.

Paladio puxa sua montaria guiando-o para longe do rio, então sobe no cavalo dizendo:

- Tudo bem, vamos seguir, mas fiquem de olho nos Goblins.

Os seis soldados voltam para seus cavalos, Daniel faz o mesmo, subindo com habilidade. Eles disparam na frente estimulando suas montarias a uma saída rápida, o aprendiz logo fica para trás, tossindo contra uma nuvem de poeira.

- Vocês são uns idiotas, sabiam? – Daniel grita para ser ouvido.

- Melhor saber alguma mágica pra grudar sua língua depois de morder um pedaço dela. – Jin grita de volta se divertindo.

Eles forçaram o palafrem por bastante tempo, até se aproximarem da Floresta Soturna. Cruzaram ainda por algumas casas de camponeses à beira do rio e diques escavados vindos do rio para as plantações. Em uma região do rio mais larga e cheia de rochas, algumas camponesas lavavam roupa e entre elas algumas meninas novas sorriram para eles.

- Viagem longa – Jin diz diminuindo o passo do cavalo e sorrindo para Paladio e Yan, enquanto olhava para as lavadeiras.

Todos diminuem o ritmo, Treves e Doug também encaram as garotas que ficavam cada vez mais para trás. Paladio diz:

- Vamos deixar o garoto e voltar, vão precisar de nós lá no castelo.

- Duvido que notem a falta de alguns soldados – Doug diz sorrindo, com malícia.

- Vamos manter esse passo, o palafrem das madames está aborrecido. Se maltratarmos ele agora, vamos ter uma volta problemática. – Yan fala.

Era verdade, Daniel forçou o cavalo ao máximo para acompanhar os ou-

tros e ele parecia descontente, mordendo o freio a toda hora e balançando a cabeça nervoso. Paladio concorda após examinar a situação e eles seguem numa cavalgada lenta.

Daniel aproveitou para pensar sobre uma coisa intrigante, o Duque mandou que subissem o rio, mas a localização do acampamento da Mata Viva era alguns quilômetros ao leste do rio. Inicialmente, sem se aprofundar no pensamento, ele achou que fosse só uma questão de referência, mas depois lembrou que na primeira vez que o exército foi até o acampamento, eles acertaram exatamente onde eles estavam.

Isso poderia significar nada, mas Daniel passou a achar que era uma atitude suspeita, principalmente depois da morte da servente no quarto de hóspedes. Poderia ser que o Duque trabalhava junto da bruxa contra o rei. Não seria a primeira vez na história de todo o mundo de Rammallarius.

Há poucas décadas, antes da Grande Convergência e declínio do reino de Aeros, os príncipes Saulo e Septh brigaram pela coroa e alguns anos depois da conclusão, o ministro achou por bem rebatizar o reino em homenagem ao vencedor. Os mais antigos dizem que o reinado de Septh proporcionou os melhores anos que Septhum já havia visto. Quando o novo rei assumiu, o senado aprovou uma petição para retornar o antigo nome do reino, mas a população, em uma comoção geral, se recusou a aceitar e o nome perdurou até hoje.

- O Duque disse para vocês subirem o rio Gaule comigo – Diz o aprendiz de curandeiro, escolhendo bem as palavras.

- É – Paladio afirma concentrado para perceber qualquer movimento estranho nas proximidades. Ele ia ao centro da formação com Daniel logo atrás dele.

- Mas o acampamento fica para o leste, seguindo a extremidade da Floresta Soturna.

- Ok. Quando chegarmos à floresta pegamos a direita.

- Porque você acha que o Duque não disse isso para você? – Daniel diz incomodado por Paladio não perceber o que ele tentava dizer.

- Você está paranóico – Paladio diz indiferente – Se me recordo bem, o Duque disse que seus amigos estariam te esperando subindo rio.

A cabeça de Daniel estava cheia de conspirações e ele esqueceu desse detalhe, que tornava tudo ainda mais suspeito. Como ele poderia saber da localização do acampamento no caso de mudança? Por todo o tempo que Daniel estivera presente na sociedade eles nunca se mudaram uma única vez. Porque fariam isso justamente naquele momento?

- Como ele saberia onde eles estão?
- Um pombo levando uma mensagem. – Refuta o comandante da guarnição em tom simples e passando a se preocupar com a paranoia do garoto.
- Deixe-me entender o que você quer dizer, madame – Jin diz divertido
- Esta insinuando que o Duque quer matá-lo?
- Essa é uma acusação perigosa – o novato Treves diz, sério – Mais perigoso ainda é afirmar isso próximo aos soldados da família real.
- Mas isso é estúpido – Yan comenta, seco – Se ele quisesse matá-lo, ordenaria que o fizéssemos. A essa altura, seu corpo estaria boiando no rio.
- Mas se ele estivesse com a bruxa – Daniel replica – Vocês trabalhariam pra ele?

Os seis homens permanecem em silêncio, cada um deles ponderando a ideia na mente até o novato Doug dizer:

- Isso é loucura.
- Ele não teria chance – Yan afirma – Todos no castelo são fiéis demais ao Rei Claus.
- Sim – Daniel diz – Mas se o Rei perecer junto com a filha mais velha, ele teria maiores chances de chegar ao trono.
- Você está em choque com a morte da criada– Treves fala – É como Paladio diz, está paranóico. Para onde virar seus olhos vai enxergar conspiração.
- Você passou a noite com ela não foi? – Doug diz compassível - Deve estar sentindo a morte dela mais do que imagina. Até mesmo eu ficaria péssimo.
- Não é isso....

Antes de Daniel completar a fala, Paladio fala por cima, em voz alta. Enquanto freia o cavalo de seu galope lento.

- Você não tem como acusar o Duque com esses argumentos, mas não significa que está inteiramente errado.

Todos param seus cavalos e permanecem calados lançando olhares de curiosidade. O terceiro novato que não comentava nada, parecia sempre indiferente a tudo, ele apenas aguardou impassível mais uma vez.

- Eu não acredito que o Duque fosse capaz de algo assim – Paladio fala – Mas talvez a informação sobre seus companheiros tenha chegado a ele já adulterada.

- O que significa? – Yan indaga impaciente.

- A garota morreu – Paladio continua sua explicação – Isso é um fato atípico que não pode ser ignorado, as chances de que o assassino estivesse atrás do garoto são realmente grandes. Significa que algo suspeito acontece no castelo.

- Certo – Yan revira os olhos – Mas o que pretende fazer?

- Continuar a agir com cautela, como estamos fazendo até agora.

- Mas se as coisas estão tão graves assim – Doug diz nervoso – O melhor não seria retornarmos para o castelo?

- Você é estúpido? – Trevez diz, carrancudo – Deixar o garoto no castelo onde tem um assassino que ninguém sabe onde está?!

- Sim – Paladio retoma a palavra – Eu acredito que o Duque seguia esse pensamento, retirar o garoto o mais rápido possível para a segurança dele.

- Mas você disse que a informação que o Duque tinha podia ser falsa – Jin comenta, compenetrado na conversa.

- Ahan – Paladio assente com a cabeça - Existe uma forma muito simples de sabermos a verdade sobre essa situação. Cinco de nós irão direto ao acampamento, o antigo. Depois retornamos para buscar vocês após sabermos se eles estão lá ou não.

- Porque não vamos todos juntos? – Doug pergunta.

- Apenas uma precaução – Paladio responde – Se for uma emboscada para o garoto, eles podem naturalmente deduzir que vamos passar primeiro por lá.

- Acho que vocês estão pensando demais – O terceiro novato, Kaiou, comenta – O garoto sabe que o acampamento era lá, como ele acabou de sofrer uma tentativa de assassinato, com certeza iria primeiro checar o antigo local onde seus companheiros estavam.

- E daí novato? – Yan diz irritado, como se as palavras de Kaiou o ofendessem.

- E daí que os amigos dele devem estar nos esperando subindo o rio.

- Faz sentido. Estamos subestimando a inteligência do assassino. – Doug diz.

Paladio leva uma mão ao queixo e olha desconfiado para Kaiou, estudando o novato. Então ordena decidido:

- Yan, você fica aqui com o garoto. O resto de nós vamos até o acampamento. – Ele se vira para Daniel - Onde você disse que fica?

- A uns seis ou sete quilômetros do rio, se vocês forem uns quinhentos metros dentro da floresta, vão achar ou serem achados.

- Ok – Paladio diz e começa a guiar seu cavalo para o leste.

- Espere aí – Doug estende uma mão - Não seria melhor deixar o Kaiou? Nós cinco temos costume uns com os outros porque trabalhamos sempre juntos.

- Burro – Treves bate no companheiro com as costas da mão - Yan é o melhor combatente entre nós, temos que deixar o melhor para proteger o garoto.

- Sem conversas paralelas! – Paladio ordena – Kaiou você vai na frente. Vamos em galope acelerado! YAH!

Eles partem levantando poeira com Kaiou liderando e Paladio logo atrás. Treves e Doug foram logo em seguida discutindo sobre quem era mais capaz em combate. Jin foi por último dando tchau.

Daniel se sente subitamente indefeso na companhia de apenas um soldado. Yan, lendo a expressão do garoto, o tranquiliza.

- Não se preocupe. Vamos ficar bem. Basta amarrarmos os cavalos na beira do rio e nos esconder na floresta. Sabe nadar?

Daniel afirma com a cabeça e eles fazem isso. Yan retira da bolsa no dor-

so no cavalo uma estaca e corda. O soldado fixa os cavalos dando 5 metros de corda pra cada, próximo ao rio. Depois ele remove sua armadura de metal, a envolve no manto vermelho e deixa em cima do cavalo.

Os dois atravessam o rio a nado sem dificuldade. Enquanto se escondiam na floresta, certificaram-se que teriam um olhar livre para os cavalos e a planície próxima do castelo. Após acharem um local adequado e escondido, Daniel pergunta ao soldado:

- Certeza que isso é uma boa ideia?

- Não acho que alguém esteja nos seguindo, mas se estiver, ele deve se esconder na floresta. A essa altura já nos viu entrando aqui, então se ele quiser continuar a nos seguir, vai ter que vir do rio para seguir nosso rastro, só que ele saberia que só estamos sendo cautelosos, então vai esperar pra ver.

- Ou nos emboscar aqui.

- É difícil.

- Não se ele for a bruxa.

E com essa suposição sinistra de Daniel, ele esperam e esperam. Ficam na mata por mais de uma hora sem nada acontecer. Os cavalos vagueavam impacientes na beira do rio. O Palafrem das madames mastigava a grama que estava próxima e as vezes mordida a corda que o segurava.

Daniel já havia subido até o topo da árvore e voltando duas vezes, na terceira vez que ia subir, Yan brigou com ele. O soldado parecia ser feito de rocha, ficava o tempo todo parado observando à distância, de tempos em tempos abria e fechava os punhos consecutivamente ou esticava os pés. Fora isso, ele mal de mexia. Sua espada estava bem afivelada na cintura. Em sua inquietação, Daniel se pegava encarando-a as vezes, se perguntando como deve ter sido horrível para a garota criada ter sido morta com uma dessas armas.

Lembrar-se da garota morta lhe causou um calafrio quase sobrenatural. Ele vira mais de uma dúzia de corpos de meninas em sua infância e nunca ficou chocada, mas por algum motivo ele sentia aquela morte mais do que qualquer outra. Ele não sabia dizer se o Ancião havia restaurado sua humanidade perdida com a influência do padrasto ou se era um efeito colateral da magia da sombra.

- Quanto tempo você acha que eles demorariam pra ir e voltar do acampamento? – Yan quebra o silêncio de mais de meia hora entre eles.

- Na velocidade em que foram, já deu tempo de ir e voltar.

- Algo não está certo.

Yan mal terminou de dizer a frase e um barulho próximo é ouvido. Os dois congelam e o soldado segura o cabo da espada. Então o barulho aumenta, era sutil, mas dava pra distinguir alguma coisa se movendo pela mata fechada que escolheram para ficar em suas costas.

O coração de Daniel começou a dar socos no peito. Yan faz sinal para ele ficar pra trás e o garoto obedece. A lâmina se liberta aos poucos nas mãos do soldado. Alguma coisa se aproximava, os arbustos apertados entre si começavam a se mover e então Yan se prepara para o combate.

- Não há necessidade para isso meu jovem.

Diz uma voz familiar e Daniel a reconheceu, o homem que lhe ensinara mais coisas na mata viva, Jaborandi. O idoso surge tranquilo, usando uns farrapos como roupa e um belo gavião no ombro.

- Tudo bem, ele é meu amigo – Daniel assume a frente e faz um sinal para Yan baixar a espada.

- Como nos achou? – Quis saber Yan, desconfiado.

- Suas presenças nessa floresta não teriam como passar despercebidas pelos olhos do meu amigo aqui.

O velho levanta a mão que é beliscada pelo afiado bico do pássaro. A criatura era parda com a barriga rajada entre branco e preto. Possuía um palmo e meio de altura com olhos grandes e amarelos. Com suas garras compridas, Segurava-se firme no ombro do velho, mas de alguma forma não o feria.

Yan encarava os profundos olhos do pássaro, havia uma sincera dúvida em seu semblante, prevendo o que ele perguntaria, Daniel responde:

- Ele consegue se comunicar com o animal. Na verdade é mais que isso.

- De verdade? – O soldado levanta uma sobrancelha.

- Ele é meu amigo – Jaborandi responde misterioso.

Enquanto Yan decidia se era verdade ou não o que eles diziam, resolveu

embainhar a espada, mas manteve a mão no cabo. Daniel se aproxima de seu professor e pergunta:

- O que aconteceu?
 - Eu ia perguntar a mesma coisa – Jaborandi fala surpreso.
 - Eles estavam me escoltando para o acampamento – Daniel diz afoito – Mas o Duque disse outro caminho.
 - Outro caminho? – Jaborandi mexe em sua longa barba, não possuía a mesma glória da alva e farda barba do Ancião, mas era de igual respeito.
 - Que outro caminho foi esse que ele mandou vocês?
 - Subindo o rio.
 - Sim. – O idoso diz sem compreender- Foi esse caminho mesmo que mandamos a mensagem. Nós nos mudamos.
 - O que? Por quê? – Daniel franze o cenho, sentindo-se perdido.
 - O ancião disse que não queria mais se envolver nos problemas do reino. – Jaborandi responde como se fosse algo óbvio. – Por que seus cavalos estão ali?
 - Nós estávamos esperando pra ver se alguém nos perseguia. – Daniel responde.
 - Porque alguém faria isso? – Jaborandi indaga, reparando em como o garoto estava elétrico.
 - Muita coisa aconteceu – Daniel responde, no caminho eu explico, mas agora precisamos saber o que aconteceu com os outros guardas.
 - Pra onde eles foram?
 - Eles foram procurar o nosso antigo acampamento.
- O ancião ficou chocado quando ouviu isso. Ele arregalou os olhos e disse com mais energia:
- Porque eles fizeram isso?
 - Como eu disse – O garoto fica apreensivo – Estávamos desconfiados.
 - Tem algum problema lá? – Yan diz ficando preocupado.
 - Nós não nos envolvemos. – O velho diz nervoso.

- O que diabos isso significa? – Yan começa a se alterar.

O gavião se agita e aperta o ombro do velho, se equilibrando. Seus olhos ficam mais intensos e visando o soldado.

- Yan – Daniel chama. Ele estava prevendo o que aconteceria – A sociedade da Mata Viva não se envolve com assuntos exteriores. Coisas como cidades, vilas, reinos, organizações, tudo que tenha um caráter social de qualquer escala.

O soldado fez uma careta de incompreensão, mas resolveu não comentar nada. Jaborandi respirou fundo e passando a mão pelo topo da cabeça ele diz:

- Vamos todos para o acampamento, de lá vou procurar pelos outros.

- Vou esperar aqui. Cumprimos nossa missão – Yan diz saindo do esconderijo e seguindo em direção ao rio.

Jaborandi balança a cabeça negativamente. Daniel percebeu que o ancião escondia algo. Então perguntou:

- Porque se mudaram de ontem pra hoje?

O velho hesitou, então respondeu.

- Um exército de Goblins se movendo naquela área.

Yan não estava longe quando ouviu. O homem parou, então virou irado e avançou contra o velho gritando:

- Você não ia me contar isso? – Daniel se meteu na frente – Qual o seu problema? Meus amigos devem estar mortos agora! Porque não avisaram o Duque?

- Eles não iram para o seu reino, estão de passagem.

- Você sabia que dezesseis Goblins atentaram contra a vida da princesa?

- Yan empurrou o garoto longe que se estatelou em um arbusto – De onde você acha que eles vieram?

- Nós não nos envolvemos! – Gritou o velho de volta.

- Mais vai se envolver! – Yan sacou a espada e vociferou – Quantos eram?

- Não há necessidade para sua pobre violência.- o velho põe uma mão entre eles - Eram cerca de uma centena e organizados como um exército.

- De onde e para onde? – Diz o soldado autoritário.

- Vieram das profundezas da Floresta Soturna e fizeram acampamento na margem da floresta.

O homem irado ergue sua mão para o velho, Daniel grita para ele não fazer nada, mas é a ave quem o intimida. O gavião se posicionou, prestes a voar, tirou sangue do velho com as garras fincadas no ombro.

- Você não vai ganhar nada com isso! – Daniel se aproxima ficando entre eles.

- Se meus amigos estiverem mortos, vou tirar sangue de vocês!

Yan ameaça e se afasta rápido, seguindo em direção ao rio. Daniel o observa nadando o rio rapidamente, era uma passagem estreita, mas que mataria afogado o mais desavisado nadador.

- Vamos Daniel. Deixe que os homens cuidem de suas coisas. – O gavião levanta voo quando Jaborandi massageia o ombro ferido, felizmente os machucados não eram graves.

O rapaz baixou a cabeça e o seguiu. Os dois seguiram por dentro da floresta. Daniel contou tudo o que ocorreu nesse tempo em que esteve fora. Jaborandi lhe fazia perguntas precisas que iam destrinchando a história.

O velho coça suas duas entradas calvas na cabeça, enquanto eles atravessavam com facilidade um território de mata densa. Incomodado com os frequentes galhos de arbustos e mato alto o gavião voava alto sobre suas cabeças, dando rasantes esporádicos para tentar capturar pássaros menores.

- Existe uma parte que não ficou clara para mim – Jaborandi pergunta de um jeito que Daniel conhecia bem, ele já tinha a resposta, mas queria ouvir da boca dele – Como você, um aprendiz de curandeiro, conseguiu enfrentar o espectro da bruxa no corpo da garota?

Daniel omitira algumas partes da história de propósito na esperança de ninguém perceber que ele quebrou a promessa com o Ancião. Só que ele sabia, era inevitável, eles saberiam, mas tinha um parte dele que dizia: O ancião queria isso.

- Eu usei o que eu sabia sobre hóspede amigo e inseri minha projeção mágica na mente dela, foi realmente um golpe de sorte...

- Você está mentindo – Jaborandi diz severo – É bom que não conte essa desculpa esfarrapada para o Ancião, ele detesta mentiras.

Os dois atingem uma região onde a floresta era mais aberta e as árvores mais espaçadas. Ali o acampamento se desenrolava, as cabanas distribuídas de qualquer jeito. Idosos com o cabelo de variadas intensidades de branco, pessoas de olhos redondos e algumas poucas pessoas jovens. Glenn acenou para Daniel, ele estava com a esposa e o filho de colo. Logo se aproximou e disse:

- Venha almoçar conosco.

- Ele vai ter uma conversa com o ancião e depois se junta a vocês – Jaborandi responde

- Vou aguardar – Glenn sorri alegre – Aposto que tem boas histórias sobre o mundo lá fora.

- Não tão boas quanto você pensa – Daniel sorriu sem graça.

Eles andam pelo acampamento, Barbasco, com sua pele morena e longos cabelos negros se aproxima deles. Ela não diz nada, pela expressão de Jaborandi, já sabia que algo havia dado errado.

Prestes a sair da parte central do acampamento, Sangue-de-Dragão se aproxima lentamente, estava com seu macacão de urso e dois corvos pousados no ombro. Ele não foi até eles, apenas se dirigiu até onde eles iam, local que logo Daniel viu, um pouco afastado de todos, o Ancião descansava sentado em uma raiz peculiarmente conveniente para alguém repousar. Mogno encontrava-se ao lado direito do Ancião, seus longos dreads quase tocando o chão e a ruiva anciã Bromélia acomodava-se ocupando o outro lado.

Todos se reuniram ali, embaixo de uma sequoia jovem, com pouco mais de 10 metros de altura. De repente, Daniel se viu cercado, com Barbasco, Sangue-de-Dragão e Jaborandi logo atrás dele. Ele olhou o Ancião nos olhos, o frágil idoso parecia triste ou cansado.

- Diga a eles – Jaborandi incentivou.

Todos sempre esperavam que o ancião tomasse alguma iniciativa nas reuniões, mas sua postura era sempre imprevisível. Alguns poucos assuntos ele tomava a liderança, muitas vezes os mesmos assuntos ele nada

dizia. Alguns debates entre eles, o ancião nem mesmo se movia, mesmo quando aparentava ser o momento de ele interromper quando alguém do círculo se excedia. Um olhar mais desavisado da comunidade, iria alegar que o ancião chefe era Bromélia, que sempre agia com carisma e paciência, muitas vezes tomando as decisões pelo Ancião.

Essa postura peculiar fez Daniel achar por um tempo, que o ancião não passava de um velho folgado. Mas todos ao redor dele sempre tinham um motivo na ponta da língua para defender seu líder. O motivo que Jaborandi mais usava para justificar a atitude do Ancião era que ele se ausentava para aprendermos alguma coisa, como por exemplo tomar uma atitude por conta própria.

Antes de começar, o aprendiz de curandeiro observou o rosto de todos. O Ancião estava cansado. Bromélia tinha um leve sorriso nos lábios e uma feição que passava confiança, era a idosa mais linda que Daniel já vira. Barbasco parecia tensa em seu roupão de tecido grosso. Jaborandi estava estranhamente obstinado. Sangue-de-Dragão permanecia com sua cara carrancuda, mas também preocupado e Mogno estava reflexivo.

- Certo – Daniel começou e mais uma vez contou toda a história sem ser interrompido. Ele não mencionou a princesa, dizendo apenas que falhou, mas irritou a bruxa.

Jaborandi ficou decepcionado, balançado o rosto o tempo todo em desaprovação. Sangue-de-Dragão logo quis saber:

- A bruxa tentou matá-lo?

Barbasco massageou o ombro do garoto perguntando preocupada:

- Ela lançou algum feitiço em você? Está tudo bem?

- Estou bem – Daniel responde envergonhado – Ela não... Conseguiu me atingir.

- Isso é um machucado no seu pescoço? – Barbasco se aproxima examinando o garoto.

- Deixe me ver. - Sangue-de-Dragão afasta a mulher sem delicadeza e pega o garoto pelo braço movendo seu queixo para cima de forma bruta – Isso é marca de estrangulamento!

Os corvos voam com a agitação de seu dono e pousam no galho mais

baixo da sequoia. Um bica o outro e eles ficam separados.

- Pelos deuses! – Mogno se aproxima examinando.

- Parece que tem algumas partes faltando nessa história - Bromélia diz olhando para Jaborandi.

- Devo contar? – Jaborandi pergunta - Ou você o faz?

- Tudo bem – Daniel se aproxima do Ancião. Ele estava decepcionado consigo, mas lá no fundo, esperava que o ancião o parabenizasse, afinal, o idoso era sempre imprevisível – Eu me senti pressionado quando todos eles imploraram por minha ajuda, mas eu sabia que não tinha capacidade o suficiente, mas aquelas pessoas sofriam tanto...

Quando ele se lembrou, se emocionou, sua voz ficou fragilizada. O ancião então observou Daniel de verdade pela primeira vez desde que chegara. Não era mais aquele olhar nublado que ele sempre tinha, estava mesmo prestando atenção no garoto e ele ganhou confiança na sua narrativa.

- Então eu percebi que a única maneira que tinha de ajudar a princesa era usar os mesmos meios que a bruxa, usar seu próprio veneno.

- Não me diga que usou a magia sombria – Mogno perguntou em tom de choro, mas ainda respeitável.

- Usei, eu entrei...

- VOCÊ ESTÁ BRINCANDO COMIGO? – O ancião explode – POR ACASO É UM MALDITO RETARDADO?

Daniel não sabia o que dizer, seus olhos se arregalaram de espanto. Todos estavam igualmente espantados e sem reação, exceto Bromélia que fechou os olhos e colocou a mão na testa.

- SEU TOLO INCURÁVEL! POR QUE FOI QUE VOCÊ USOU A MAGIA PROIBIDA?

O velho havia se erguido e largado seu clássico cajado no chão. Seu rosto enrugado se contorcia em fúria e decepção. Bromélia segura seu braço com força e chama seu nome em tom de um aviso amigável:

- Umbuzeiro.

Os membros mais distantes da reunião observavam em choque a reação do ancião, mas ele não parecia ligar para eles. Apenas se libertou da mão

de Bromélia com suavidade e deu as costas para Daniel, apoiando uma mão no troco da sequoia.

- Você não prometeu ao ancião que jamais usaria isso novamente? – Mogno pergunta com piedade.

Daniel estava a ponto de chorar, sentia a garganta seca e as pernas tremem. Seu estômago embrulhava com o breve jejum que tivera, a comida parecia girar várias vezes deixando-o enjoado.

- Eu – Ele diz atordoado – Eu achei que usar para o bem...

- Você a salvou? – O Ancião se vira rápido para olhar o garoto, mais rápido que um senhor da idade dele poderia fazer.

- Eu não... – Os olhos de Daniel logo marejam e sua garganta parece travada com uma imensa pedra.

- O que foi que eu lhe disse sobre essa magia? – O ancião pressiona, havia mais do que simples decepção em sua voz, mais do que ira.

- Que ela era maligna – lágrimas cortam as bochechas dele.

Bromélia se levanta e pega mais uma vez o Ancião pelo braço, tentando afastar sem usar a força. Ele cede e se afasta um pouco de Daniel, mostrando cansaço.

- Por que foi que me enviou? - Daniel quis saber com uma pontada de irritação.

Esfregou os olhos com força e disse expressando mais emoção do que pretendia:

- Eu achei que o senhor quisesse isso de mim.

- O que? – O ancião volta a se aproximar de Daniel como se estivesse ofendido – Você achou que EU queria que esse poder fosse usado?

O ancião agarra Daniel pela nuca sem delicadeza, por um instante pareceu que ele fosse agredir seu pupilo, então o garoto sente como se sua vida se esvaísse. Como se sua alma estivesse sendo puxada do corpo pelo pescoço, todas as noções de peso e estabilidade terrestre somem.

Daniel sente como se pudesse voar na brisa do vento e fica realmente alegre apenas com a ideia de ser como uma folha de outono. Ele poderia cair da copa da árvore e se deixar levar pelo vento, sem se preocupar com

nada na vida, nem mesmo com a sua morte, pois no chão, se tornaria fonte de alimento para sua árvore de origem. Só de saber que sua morte teria um destino tão nobre, ele se achava feliz.

Todas as sensações ruins que Daniel sentia foram embora, mas ele tinha plena noção que era imaturo e culpado de quebrar sua palavra com o Ancião. Todos ao redor deles observavam como estátuas. Mogno e Bromélia eram os únicos que pareciam temer o recém fechado punho de seu líder.

Para quem olhou, parecia que algo invisível fora arrancado da nuca do garoto. O velho levanta o punho trêmulo acima da cabeça, como se algo pesado estivesse preso entre seus dedos, então vai até a sequoia e espalma a mão nela, dizendo tristonho:

- Esta árvore tinha o potencial de viver centenas de anos e agora inocentemente vai pagar pelo seu erro.

Subitamente o tronco começa a secar, as folhas se encolhem e ficam negras, alguns galhos racham com um ruído. Os galhos menores secam e se partem com o próprio peso. Os dois corvos levantam e se retiram crocitando, em menos de um minuto a árvore estava morta.

Todos viram seu rosto para cima quando o vento forte derruba as folhas ressecadas e em vez da bonita cor de cobre do outono, o que se precipita é um pó negro que lacrimeja os olhos de Barbasco e tingem algumas partes do vermelho vivo nos cabelos de Bromélia. Aquela cena parecia trazer alguma memória tenebrosa à mente de Sangue-de-Dragão, pois ele aparava o pó negro em suas mãos com uma expressão abismada.

O líder deles não ficou para ver a queda do pó das folhas, ele simplesmente pegou seu cajado e foi embora. Daniel o seguiu para longe da sequoia morta.

- Espere Ancião, você é o único que pode parar aquela bruxa e salvar a princesa.

- E porque eu deveria fazer isso? – O Ancião recuperou sua compostura, mas não parou para conversar, nem olhou Daniel.

- Porque é o certo a se fazer, você não ajuda as pessoas?

Mogno, Jaborandi e Sangue-de-Dragão vieram logo atrás de Daniel. Os dois corvos seguiram seu dono pousando em uma árvore próxima.

- Não nessa situação, não nos envolvemos com esse povo.
 - E quanto a isso? – Daniel puxou o pergaminho que o Rei havia enviado e jogou na frente do ancião fazendo-o parar de andar – Aí diz: “você me deve”. O senhor tem uma dívida com o rei.
 - Eu o impedi que matasse Kal, agora que Kal está de volta às mãos dele, não devo mais nada.
 - O senhor ajudou Kal! – Daniel diz frustrado – Um assassino, porque não pode ajudar a princesa, uma vítima?
 - Eu ajudo pessoas delas mesmas – O ancião voltou a andar.
 - Por que? – Daniel diz em voz alta.
 - Já chega Daniel – Jaborandi corta. – Você já está exagerando, sabe das regras da Sociedade, não ajudamos essas pessoas.
 - Mas essas pessoas são iguais a nós! Pessoas que precisam da ajuda de outros. – O aprendiz diz inconformado.
 - Não, eles não são. Eles vivem num ciclo vicioso e pagam pelas próprias atitudes. – Jaborandi replica cheio de razão.
- Daniel olha calado para seu professor deixando a tensão entre eles aumentar. Então balança a cabeça dizendo:
- Não, isso não está certo. Eu não posso viver com isso.
 - Não pode viver com isso? Foi sua regra por mais de um ano – Jaborandi responde perplexo.
 - Estou partindo.
- Daniel vira as costas para Jaborandi, encarando Mogno e Sangue-de-Dragão que estavam logo ali assistindo. O velho negro o observa triste e coloca a mão em seu ombro.
- Não tente - Daniel diz e sai pelo meio dos dois, esbarrando em Sangue-de-Dragão.
 - Eles prometeram alguma coisa pra você? – Jaborandi quase grita a alguns metros de distância – Partindo assim, você só vai dar razão para o que o Ancião pensa de você, apenas uma criança!
 - Tem certeza que quer tomar essa decisão agora? – Bromélia pergunta

em quanto ele passa por perto da árvore ressecada.

- Já estava decidido – Daniel diz – A forma como eu penso é diferente de como vocês pensam. Não vou negar ajuda a alguém que precise.

- É mais complicado do que isso – A ruiva fala a ele com tristeza.

Daniel para de andar, ele se vira para olhar Bromélia nos olhos. Era como se, pela primeira vez em muito tempo, ele soubesse o que deveria fazer.

- Talvez seja complicado demais pra minha cabeça de criança entender.

A anciã entendeu. Ele não estava rancoroso, mas decepcionado por nunca terem levado ele a sério. Os olhos dela vacilaram quando notou seu erro e ficou sem palavras para dizer e tentar manter o garoto ali.

Barbasco apenas se aproximou devagar enquanto Daniel falava e após o fim da curta troca de palavras, ela o abraçou de um jeito materno. Beijou sua cabeça e acariciou suas costas.

- Volte para nós quando terminar o que tem para fazer. - Barbasco disse e os dois se separaram.

Então o garoto começou a se sentir em ritmo de despedida e pensou que provavelmente o ancião não o aceitaria. Seus olhos voltaram pelo caminho que ele veio, todos por quem ele passou, ainda o olhavam. Barbasco, Bromélia e, alguns passos logo após a árvore, Sangue-de-Dragão incrédulo e Mogno perplexo e mais adiante Jaborandi, que pela sua expressão, parecia achar que Daniel iria voltar a qualquer instante. No fundo, já quase fora do campo de visão, o Ancião caminhava indiferente, indo cada vez mais para longe.

- Tchau.

Ele disse e foi embora.

Bromélia sentou-se. Barbasco ficou olhando Daniel partir, saindo do acampamento. Jaborandi balançou a cabeça desacreditado e foi caminhando irredutível na direção do seu aluno, porém Sangue-de-Dragão segurou seu ombro, o homem era alto e forte.

- Deixe ele ir, fez sua escolha.

- Você é louco? É só uma criança – Jaborandi tentou tirar a mão grande

do companheiro do ombro.

De algum lugar dos céus, o gavião veio muito veloz e cravou suas patas com força no mesmo galho em que estavam dos dois corvos. Algumas folhas caíram com o impacto e as três aves se estranham, sendo que um dos corvos voou para longe crocitando com receio.

- Ele não é seu filho – Sangue-de-Dragão vocifera, como se estivesse segurando seu transtorno por tempo demais.

- Você está certo – Jaborandi recua olhando-o nos olhos.

Mogno não ficou para ver o que aconteceu depois. Ele ficou congelado esse tempo todo com os olhos fixos no chão, até que, como se tivesse levado um choque, ele anda atrás do ancião.

O velho líder já estava sozinho, afastado em meio a mata. Ele parou quando percebeu que alguém o seguia até ali. Mogno passou por ele e ficou em sua frente. O Ancião estava cansado e impaciente, ele simplesmente respirou fundo e prendeu a respiração quando Mogno começou a falar.

- Vai deixá-lo ir embora assim? Pensando que somos um bando de egoístas?

Umbuzeiro soltou o ar demoradamente, então balançou sua cabeça de um lado para o outro vagarosamente.

- Olha Mogno, porque você acha que esse garoto quer tanto voltar? – O ancião esperou menos que um segundo e quando Mogno ia responder ele falou – Pra ajudar, você vai dizer, mas será que é mesmo?

Havia algo de estranho no jeito que Umbuzeiro falava, como se ele explicasse pela centésima vez para alguém o porque das águas descerem o rio em vez de subirem o rio. Mogno ouvia tudo aquilo como se o Ancião fosse um estranho a ele.

- Me diga, quando o altruísmo acaba e começa a surgir glória? Quando a boa vontade se vai e o interesse surge?

- Do que você está falando? – Mogno diz horrorizado – Pensa mesmo igual Jaborandi? Acha que o garoto está atrás de recompensa?

- Me diga do que você está atrás Mogno? – O velho sombrio se vira, querendo encerrar conversa.

Mogno abriu a boca para responder, mas lembrou que o ancião detestava mentiras. Então balbuciou nervoso:

- Não vou desistir dele.

Mas a frase pareceu ter sido dita mais para ele mesmo do que para o Ancião que foi embora, indiferente.



Novos capítulos toda segunda-feira em:

www.r2pg.com.br

Capítulos anteriores já disponíveis.